RSV
ISSN 2674-8584

Received: 21/06/2026 - **Accepted:** 25/07/2026
Vol: 08.07
DOI: 10.66104/2kf99293
Pages: 1-21

PRÁTICAS PARENTAIS E DESENVOLVIMENTO EDUCATIVO

PARENTING PRACTICES AND EDUCATIONAL DEVELOPMENT

PRÁCTICAS PARENTALES Y DESARROLLO EDUCATIVO

Rosa Janaina Lacerda de Queiróz
Mestranda em Teologia, Faculdades EST, Brasil
E-mail: rosajanainalacerda@yahoo.com.br

Charles Klemz
Doutor em Teologia, Faculdades EST, Brasil
E-mail: charles@est.edu.br

Resumo

O presente estudo visa aprofundar o conhecimento sobre as práticas educativas parentais e as influências sobre a formação educacional dos filhos, abordando a importância da afetividade e do exemplo de vivência familiar como base educativa para a criança. Nele é destacada a importância da parceria e cooperação entre as instituições fundamentais da sociedade, que são a família e a escola, reconhecendo seus papéis para evidenciar os propósitos de um mesmo projeto educacional, promovendo o desenvolvimento social, o repertório comportamental dos relacionamentos, e o crescimento cognitivo da criança. Destaca-se ainda, a necessidade de se passar a pensar na educação para além da formação para os parâmetros econômicos e produtivos da sociedade capitalista e se promova uma concepção da educação que cultive os valores de uma cidadania democrática. Pressuposto que requisita a cada grupo integrante da sociedade assumir sua responsabilidade educativa.

Palavras-chave: Práticas parentais, família, educação, escola.

ISSN 2674-8584

Received: 21/06/2026 - **Accepted:** 25/07/2026
Vol: 08.07
DOI: 10.66104/2kf99293
Pages: 1-21

Abstract

The present study aims at deepening the knowledge about parenting practices and the influences on the educational development of children, addressing the importance of affectivity and the example of family experiences as an educational base for the child. It's highlighted the importance of partnership and cooperation between the fundamental institutions of society, who are family and school, recognizing their roles to highlight the purpose of the same educational project promoting social development, the behavioral repertoire of relationships, and cognitive growth the child. Moreover, we highlight the need to spend thinking about education beyond training for economic and productive parameters of capitalist society and to promote a conception of education that cultivate the values of democratic citizenship. Assumption that requests each member group in society to assume its role its share of educational responsibility.

Keywords: Parenting practices, family, education, school.

Resumen

El presente estudio tiene como objetivo profundizar en el conocimiento sobre las prácticas parentales y sus influencias en el desarrollo educativo de los niños, abordando la importancia de la afectividad y el ejemplo de las experiencias familiares como base educativa para el niño. Se destaca la importancia de la alianza y la cooperación entre las instituciones fundamentales de la sociedad, que son la familia y la escuela, reconociendo sus papeles para resaltar el propósito de un mismo proyecto educativo que promueva el desarrollo social, el repertorio conductual de las relaciones y el crecimiento cognitivo del niño. Asimismo, se resalta la necesidad de pensar la educación más allá de la capacitación para los parámetros económicos y productivos de la sociedad capitalista, y promover una concepción de la educación que cultive los valores de la ciudadanía democrática. Asunción que exige a cada grupo o miembro de la sociedad asumir su papel y su cuota de responsabilidad educativa..

Palabras clave: Prácticas parentales, familia, educación, escuela.

1. Introdução

Inúmeros estudos têm sido realizados com o objetivo de avaliar o papel das práticas educacionais parentais e suas implicações sobre o desenvolvimento cognitivo educacional das crianças. De fato, a perspectiva de humanização do

RSV
ISSN 2674-8584

Received: 21/06/2026 - **Accepted:** 25/07/2026
Vol: 08.07
DOI: 10.66104/2kf99293
Pages: 1-21

homem e da mulher salienta que sua origem natural é marcada por limitações, o que o constitui como um indivíduo dependente e incompleto, aspecto que o conduz a viver em sociedade (DELAMATER; MICHENER; MYERS, 2005). Por sua vez, a vida em sociedade supõe a sistematização de papéis que determina a atividade, em acordo com as características, aptidões e atribuições descritas pelas situações sociais de vida que determinam o bem comum.

Em acordo aos estudos de Delamater, Michener e Myers (2005), para a perpetuação da espécie humana e superação das fragilidades de sobrevivência, constitui-se a vida social que implica na continuidade hereditária dos eventos físicos e comportamentais. E, avaliando a perspectiva da aprendizagem social, que enfatiza a aquisição de habilidades cognitivas e comportamentais partindo das influências culturais, torna-se possível identificar que dentre os agentes de socialização da criança está em primeira instância o componente familiar.

A família é a estrutura que sustenta a geração, proteção e educação, ao longo das fases da vida. Historicamente, a partir da família a humanidade se agrupou numa estrutura social complexa, nascendo do núcleo familiar as primeiras manifestações educativas que buscam promover ao indivíduo o desenvolvimento de suas potencialidades, visando sua autonomia e condições para separação de seu núcleo, de modo a seguir a própria vida, e assumir suas próprias responsabilidades. É a partir dessas bases que será possível desenvolver suficiente autonomia moral, intelectual e identidade pessoal para a vivência e ocupação de uma posição social. Do ponto de vista histórico social, podemos observar que a estrutura familiar não se extingue, nem permanece inalterada no decorrer dos tempos. Sob a ótica da sociedade contemporânea, as estruturas se reconfiguram, com permanências e mudanças, renovando constantemente suas representações ao equilibrar contradições entre valores tradicionais e demandas morais da atualidade.

A afirmação de Zamberlan et al. (2003, p.13-14 apud MONDIN, 2008, p. 234) vêm ao encontro de nossos anseios, no sentido de reafirmar que as

RSV
ISSN 2674-8584

Received: 21/06/2026 - **Accepted:** 25/07/2026
Vol: 08.07
DOI: 10.66104/2kf99293
Pages: 1-21

transformações sofridas nos últimos anos são notórias e indiscutíveis, mas as famílias ainda representam um sustentáculo para todos os indivíduos da espécie humana, se ampliando e se diversificando nos âmbitos das inter-relações e dos valores, sejam eles políticos, científicos, religiosos, ou morais. A despeito das descrições tradicionais acerca do binarismo parental, a flexibilização dos arranjos familiares contemporâneos demanda uma compreensão das figuras cuidadoras enquanto elementos dinâmicos, cujas atribuições são renegociadas permanentemente no seio da estrutura social. Requerendo aos membros da instituição familiar a exigência de uma readaptação às mudanças de relacionamento e ajustamento ao meio.

Num outro enfoque, cabe-nos ressaltar que aquilo que a humanidade produz deve ser apropriado pelos indivíduos e o meio mais eficaz para introduzir o indivíduo no caminho das conquistas da humanidade é, sem dúvida, outro agente de socialização da criança, a escola. No entanto, o processo educativo precisa valorizar o conhecimento científico e sua transmissão em parceria com os pressupostos familiares, sem deixar de manter-se em equilíbrio, para que nesse sentido a formação humana dos indivíduos complete seu desenvolvimento de base histórico-social sustentado pela relevância de significado dos conteúdos aplicados à vida.

Tendo por base a escola, nos deparamos com uma realidade tão flexível quanto a estrutura familiar da atualidade. Sua organização nos apresenta um espelho de variáveis que se confundem no desequilíbrio entre teorias e práticas das mais diversas. Seus parâmetros estruturantes apresentam-se hora na perspectiva libertária, hora na repressão autoritária velada; vezes na formação popular, vezes na formação erudita. O fator determinante serão os interesses sociais classificatórios baseados numa sociedade em que a manutenção da desigualdade social está historicamente atrelada às manobras educativas de desigualdade ao acesso ou transmissão de conteúdos e produção do saber.

Tal aspecto social da escola fica muito claro nos escritos de Bourdieu (1970 In:

RSV
ISSN 2674-8584

Received: 21/06/2026 - **Accepted:** 25/07/2026
Vol: 08.07
DOI: 10.66104/2kf99293
Pages: 1-21

NOVA ESCOLA, 2008), em que afirma que a relação educativa institucionalizada tende a reproduzir e perpetuar os anseios sociais e a escola é um espaço de reprodução de estruturas sociais e de transferência de capitais de uma geração para outra. Nela a herança financeira, ou como prefere chamar legado econômico, da família transforma-se em base de sustentação cultural ou capital cultural. Diante dessa perspectiva a divergência de ideais entre escola e família podem vir a causar desestrutura da formação social dos indivíduos uma vez que cada agente toma direções que ao invés de convergirem irão provocar uma colisão de danos incalculáveis na formação intelectual e do caráter dos personagens envolvidos.

A partir desses levantamentos, cabe-nos ressaltar a importância da família, também na organização das atividades de estudo-aprendizagem, como força propulsora que poderá influir nas perspectivas curriculares da escola.

É em virtude de perceber a necessidade de um equilíbrio educacional entre escola, família e sociedade, que o presente estudo discorre alguns aspectos colaborativos desse diálogo que necessita ser tão eloquente em virtude da formação humana e social por meio das práticas de educação parental.

2. A referência familiar e o comportamento da criança

Mudanças visíveis vêm ocorrendo no âmbito familiar nos últimos anos, certamente porque a família está reconfigurando seus valores. Nessa condição reestruturam-se os papéis institucionalizados e necessários a formação da personalidade das crianças tutoreadas por esse componente socializador. As experiências iniciais de estímulo, sensação de segurança e acolhimento, assim como a de autoridade entram em uma situação de conflito em função da não determinação dos papeis e funções de cada indivíduo envolvido na prática educativa. A escola pode e deve ser parceira, conforme observa Charles Klemz, que entende a prática educativa deve considerar o acolhimento, a empatia e o

RSV
ISSN 2674-8584

Received: 21/06/2026 - **Accepted:** 25/07/2026
Vol: 08.07
DOI: 10.66104/2kf99293
Pages: 1-21

respeito à alteridade, conectando a pedagogia a uma visão de cidadania e desenvolvimento integral da pessoa. (KLEMZ, 2019; 2021).

Cada ser social é parte integrante de diversos grupos, nos quais irá desenvolver papeis que lhe serão determinados conforme sua atuação e função. Não é permitido, no entanto, negligenciar a responsabilidade de desempenhá-la sob pena de causar desarrumação e caos. (OLIVEIRA, 2004).

Nesse cenário, a inserção e a legitimação do indivíduo no tecido social dependem da internalização de repertórios comportamentais e normativos, tradicionalmente articulados no âmago da socialização primária. Tais competências, que transcendem o mero adestramento funcional, constituem o capital cultural basilar legado pelo núcleo familiar. Todavia, a porosidade das estruturas domésticas contemporâneas impõe um desafio às políticas públicas de educação: a necessidade de mediar a transição entre o saber privado e a esfera pública, garantindo que as assimetrias originárias do ambiente familiar não se traduzam em barreiras intransponíveis para a cidadania plena e para a equidade escolar. Ou seja, para que uma pessoa seja aceita e participe plenamente da sociedade, ela precisa absorver regras e comportamentos básicos que, geralmente, são ensinados primeiro pela família. Esse aprendizado vai muito além de simples hábitos; ele forma a base cultural que cada indivíduo carrega de casa. No entanto, como as famílias atuais são muito diversas e menos rígidas, as políticas públicas de educação enfrentam o grande desafio de ajudar na transição desse aprendizado particular para a vida pública. De modo que o papel do Estado torna-se o de garantir que as diferenças de criação em casa não se transformem em desigualdades na escola ou na vida cidadã.

É reconhecido nos pais ou tutores familiares a fonte dos mecanismos de funcionamento básico para inserção social que será instrumentalizado ao longo da vida, sobretudo na escola, adquirindo novas habilidades, novos conhecimentos, novas atitudes e comportamentos em resposta aos estímulos vivenciados.

RSV
ISSN 2674-8584

Received: 21/06/2026 - **Accepted:** 25/07/2026
Vol: 08.07
DOI: 10.66104/2kf99293
Pages: 1-21

Disso decorre que a escola, sozinha, não conseguirá lograr êxito na socialização das crianças, visto que esta deve ser uma ação da família que infelizmente vem sendo negligenciada e atribuída para a escola, que também não está sabendo reconhecer sua função social sem abandonar a função de transmissora de saber concreto, didático, perdendo sua real essência.

Um fator importante e muitas vezes determinante na educação dos filhos é a conduta dos pais, o que na atualidade se faz escasso, pois muitos pais não encontram tempo para conviver com suas crianças ou não dão a mínima importância quanto a dar exemplo real de uma vida digna.

Trabalham muito e esquecem de que são realmente referência para os filhos e que tal referência é base para a formação de qualquer indivíduo. De nada adianta dar todo conforto material aos filhos se não lhes oferecer o que é de mais precioso: a presença e os bons exemplos associado à determinação de limites (MONDIN, 2008). É comum no cotidiano escolar escutarmos relatos de crianças que não veem seus pais durante todo o decorrer da semana por incompatibilidade de horários e agenda. A educação familiar nesses casos ganha novos instrutores como os avós e até mesmo as babas. Criando uma desestrutura do ponto de vista que o sucesso das ações educativas no seio familiar prima pelo estabelecimento de funções e papéis bem determinados. Afirmação reforçada pelos estudos de Lubi et al. (2003 apud MONDIN, 2008), que destaca a atuação dos pais como maiores modelos de influência e reforço do desenvolvimento da aprendizagem das crianças no núcleo da sociedade, que é a família. Atribui aos pais, dessa maneira, a grande responsabilidade de educá-los.

Conte et al. (2001 apud MONDIN, 2008) aponta as situações de convivência entre pais e filhos como sendo os principais fatores que estruturarão o perfil comportamental positivo ou antissocial dos futuros cidadãos. Assim, crianças que vivem em ambientes bem estruturados e sentem-se seguras afetivamente, que possuem limites e regras bem determinados, eventualmente terão mais êxito social e cognitivo, serão bons alunos, bons cidadãos. Ressalta, contudo, que para

RSV
ISSN 2674-8584

Received: 21/06/2026 - **Accepted:** 25/07/2026
Vol: 08.07
DOI: 10.66104/2kf99293
Pages: 1-21

estabelecer limites não se faz necessário maus-tratos para com a criança. Reconhece que a disciplina rígida e inconsistente ou flácida e relaxada, altamente permissiva e inconsequente não ajudam na educação dos filhos. Evidencia que a principal condição que se configura como segurança no meio infantil é a necessidade das crianças de perceberem-se amadas. Coaduna-se a essa reflexão o pensamento de Marinho et al [4] (2001, p.13 apud MONDIN, 2008, p. 235) quando revela:

> A criança precisa sentir que é amada na vitória e na derrota com a mesma intensidade. Acreditando que amar os filhos não é um instinto (como em instinto materno), mas um conjunto de comportamentos, fruto de contingências, devemos identificar quais são as variáveis envolvidas em sua ocorrência ou não. Ajudar pais a amarem seus filhos inclui ajudá-los a aceitar suas crianças como pessoas inteiras que buscam aprender a melhor forma de agir neste mundo e ser feliz. Ajudá-los a valorizar a vida ali presente.

Desde cedo a criança se inicia no processo de aprender que a conformidade às normas facilitará sua inserção social. Cada grupo familiar adota um estilo para conduzir seus filhos na apropriação dos saberes para a convivência social. Valendo-se de vários estudos e análises, Simões (2011, p.18) constata que:

> Nas últimas décadas têm surgido várias tipologias dos estilos educativos parentais, destacando-se a contribuição de Diana Baumrind (1967, 1971, 1989, 1991) que desenvolveu estudos longitudinais, com o objetivo de avaliar a relação entre padrões de estilos educativos parentais distintos e a competência da criança. Baumrind (1967) definiu 3 padrões de estilos parentais, com base na dimensão controle. O *padrão autoritário (authoritarian)*, distintivo do grupo de crianças inibidas, caracterizava-se por muito controle e pouca afetividade parental. No *padrão autorizado* (*authoritative*), presente no grupo de crianças competentes, os pais apresentavam um alto nível de controle, de exigência e de encorajamento da autonomia, bem como eram carinhosos e utilizavam o raciocínio na comunicação com os filhos. No *padrão permissivo (permissive)*, típico no grupo de crianças imaturas, os pais demonstravam uma afetividade razoável conjugada com baixos níveis de controle e de exigência.

RSV
ISSN 2674-8584

Received: 21/06/2026 - **Accepted:** 25/07/2026
Vol: 08.07
DOI: 10.66104/2kf99293
Pages: 1-21

Para Simões (2011), os pais que sabem como equilibrar a afetividade e estabelecimento de regras para controle das atitudes da criança visando sua progressão educativa, bem-estar e desenvolvimento da autonomia e autogestão promovem o senso de responsabilidade, equilíbrio emocional e aumento da autoestima. Neste mesmo patamar, tal formato educativo também corrobora para o mais alto nível e qualidade do desenvolvimento cognitivo, emocional e social.

Por outro lado, atuações familiares em que coexistem altos níveis de controle, baixa responsividade, uso de punições severas; ou o contrário, falta de controle e regras, excesso de tolerância e permissividade, tendem a promover os sentimentos negativos, tolhendo seu desenvolvimento pessoal e determinando seu insucesso social.

Podemos compreender, retomando a fala de Mondin (2008), que para que o sucesso das práticas parentais educativas impliquem também em sucesso na vida social das crianças, os pais precisam tomar conhecimento de atuações que garantam repertório comportamental que auxiliem e permitam aos seus filhos adquirirem habilidades a fim de promover competências baseadas na responsividade, afeto e comprometimento. O uso sistemático da disciplina positiva, a consistência e lógica das regras, a supervisão, o encorajamento, a elevação da autoestima, fortalecidos sobretudo pelo exemplo de vivência, são estratégia que certamente não deixarão espaço para atitudes e comportamentos de caráter excludente social.

3. Cooperação entre escola e família

A família de forma paralela e integrada à escola representa uma importante instituição social, responsável por boa parcela da estruturação de valores e atitudes comportamentais dos membros que a constituem, o que determina as primeiras relações sociais e os respectivos aprendizados relacionados aos contextos nos quais estão inseridos.

RSV
ISSN 2674-8584

Received: 21/06/2026 - **Accepted:** 25/07/2026
Vol: 08.07
DOI: 10.66104/2kf99293
Pages: 1-21

Diante dos pressupostos da sociedade moderna, em que suas bases configuram-se na dinâmica global evolutiva, a formação educacional se utiliza da influência da família para ir além dos muros domésticos constituindo-se por meio de vários estímulos externos. Dessa forma, o contexto econômico e social, as bases emocionais, a integração entre os membros, são fatores que irão permear a vida dos indivíduos ao longo de todo seu ciclo de vida biológico e educativo (MONDIN, 2008). Frente a esses anseios, concretizam-se os objetivos de promoção da participação parental sob o estabelecimento de uma relação de parceria, coordenação de papéis e definição da relação de apoio ao sucesso escolar.

Sabendo das exigências e complexidade da tarefa de educar e formar, percebe-se que só com a cooperação de todos os agentes educativos é possível atingir a finalidade comum do sucesso da formação. Para isso é preciso evidenciar as diferenças entre família e escola, bem como as diferentes responsabilidades concedidas a cada grupo sem, no entanto, deixar de buscar uma convergência e parceria de cooperação entre os anseios norteadores das práticas (SILVEIRA, 2013).

Em todo caso, ainda em referência à Silveira (2013) a existência de tal convergência só será possível à medida que exista uma aproximação entre os saberes desejados. Um mesmo objetivo educacional é o ponto de partida para a construção de relações de confiança e cooperação evidenciando os propósitos de um mesmo projeto educacional, promovendo o desenvolvimento social, o repertório comportamental dos relacionamentos, e o crescimento cognitivo da criança.

É oportuno acrescentar a necessidade de abolir ou pelo menos flexibilizar as fronteiras limítrofes entre as instituições escolar e familiar, o que só será possível a partir da redefinição das tarefas educativas de cada sistema. Isso porque, historicamente tal estrutura tem sofrido com a proposta de reconfiguração. (ARAÚJO; OLIVEIRA, 2010)

Nota-se que até a década de sessenta, havia uma determinação hierárquica a qual baseava as relações entre as duas instituições supracitadas, de modo que a

RSV
ISSN 2674-8584

Received: 21/06/2026 - **Accepted:** 25/07/2026
Vol: 08.07
DOI: 10.66104/2kf99293
Pages: 1-21

escola detinha toda a hegemonia e poder socialmente estabelecido e regulamentado e sobrepunha seus valores e normas de forma inquestionável, sobretudo no âmbito familiar. Atualmente, a sociedade se depara com um misto de turbulência, mutabilidade, incerteza, imprevisibilidade, desconstrução e desconfiança que deixam marcas profundas na escola e na família enquanto espaços educativos (GONÇALVES, 2003).

Diante deste cenário de crise e degradação, os dois elementos básicos da ação educativa, travam um duelo – e fazendo referência a Rubem Alves (1991), em sua crônica Tênis e frescobol – passam a jogar tênis onde a partida deveria ser de frescobol. A bola é a formação educacional. Segundo Rubem Alves, o tênis é um jogo agressivo. O objetivo é derrotar o adversário revelado por seu erro, manter a bola em domínio e devolvê-la ao adversário. A conclusão da jogada finda-se sempre com o sucesso de um e o fracasso do outro. E a bola? Bom, a bola é apenas uma vítima de maus tratos.

Já o frescobol, apesar de parecer muito com o tênis nos elementos participantes, tem como premissa maior a união para o sucesso, pra valer a pena é preciso que ambos os jogadores sejam bem-sucedidos, os dois tem de ganhar. Aí, se a bola chega meio torta, o receptor se esforça para devolvê-la com as correções necessárias ao sucesso do companheiro de jogada. Não há adversário, porque não há ninguém a ser derrotado, ou todos serão conjuntamente derrotados. Não há vitoriosos senão a própria bola que sem ser agredida, ou tornar-se uma arma ofensiva, em leves toques, mantem-se no ar num balé sincronizado de ir e vir, fazendo a alegria e o sucesso dos envolvidos.

Face ao desequilíbrio sócio educacional da sociedade contemporânea o panorama detectado, em boa parte das vezes que analisado, é de jogo de tênis. Em meio às “raquetadas”, escola e família trocam ofensas e acusações, onde a bola – formação educacional - no seu ir e vir é lançada sobre a responsabilidade do outro como instrumento de agressão. Sem perceber, os participantes da jogada conduzem a partida para o fracasso da segregação social e da exclusão cognitiva.

RSV
ISSN 2674-8584

Received: 21/06/2026 - **Accepted:** 25/07/2026
Vol: 08.07
DOI: 10.66104/2kf99293
Pages: 1-21

Frente a essa reflexão, remetemo-nos às conversas informais no âmbito escolar, sobretudo nas reuniões de pais e mestres onde se evidenciam as falas dos dois personagens principais do fazer educativo que vivem um processo de acusações recíprocas. De um lado, os professores acusam os pais de conceberem as escolas como depósito de filhos no qual esperam deixá-los para reforma, pretendem que a escola resolva os problemas que eles não são capazes ou não querem resolver, uma espécie de oficina. E então temos, do outro lado, professores queixosos que declaram a falta de responsabilidade, o descompromisso, a negligência educativa familiar.

Sob um outro prisma teremos, de um lado escolas que se omitem aos processo formativos educacionais por atuarem pedagogicamente na estrutura cognitiva por conteúdos academicistas e atribuírem às famílias a formação cidadã, emocional, interativo-social. E, em contrapartida, os pais a rotularem as escolas de antipedagógicas, acusando tais instituições de incompetência apontando a falta de didática e metodologia adequadas à educação das novas gerações.

Podemos inferir que de fato, enquanto esse jogo não redefinir suas regras e o cooperativismo não se tornar objetivo de todos os partícipes, a partida está fadada ao fracasso.

> [...] a escola, como instituição portadora da cultura dominante, deve ser o interlocutor privilegiado que deverá tomar a iniciativa para estreitar as margens do diálogo [...] Compete à parte que está numa situação de poder mobilizar todos os esforços para esbater as distâncias e as barreiras culturais que ela própria construiu, ultrapassando os fantasmas e medos de serem invadidos e desautorizados, pela adoção de estratégias que permitam às famílias sentirem-se respeitadas no seu papel de educadoras, acolhidas e reconhecidas como uma mais-valia no sucesso educativo dos seus filhos e interlocutores privilegiados da escola com a comunidade. (GONÇALVES, 2003)

Dentro da função de educar um indivíduo, pais e professores devem exercer papéis complementares e ao mesmo tempo distintos, definir metas e atribuir responsabilidades para o bom cumprimento de funções é algo fundamental para o

RSV
ISSN 2674-8584

Received: 21/06/2026 - **Accepted:** 25/07/2026
Vol: 08.07
DOI: 10.66104/2kf99293
Pages: 1-21

avanço educativo em que nenhum dos dois papéis pode ser substituído ou sobreposto. Partindo desse ângulo, enfatiza-se a importância da interdependência entre a formação familiar e escolar sob pena de que ações isoladas desperdicem força e sejam mais fragilizadas. (SILVEIRA, 2013).

4. As práticas parentais como influenciadoras no desenvolvimento cognitivo e social da criança

Desde que nascemos, as práticas de conduta nos são incorporadas mediante a imposição de regras e de condutas institucionalizadas para seguirmos a vida em sociedade. Cada uma das instituições sociais, segundo a Sociologia, as quais iremos pertencer no percurso de vivencia serão organizadas e mantidas por procedimentos padronizados, aceitos, sancionados e seguidos pelos indivíduos que tem a intenção de tornar-se membro integrante. Como reitera Oliveira (2004, p. 158) no trecho:

> [...] À medida que a criança cresce e passa a entender melhor o mundo em que vive, percebe que em todos os grupos de que participa existem certas regras importantes, certos padrões de comportamento que a sociedade considera fundamentais. Essas regras, instituídas pelos nossos antepassados, sofreram modificações ao longo do tempo. A sociedade exerce pressão sobre cada indivíduo para que todas elas sejam cumpridas.

Fazendo alusões às teorias da Psicologia Social, vale ressaltar que a socialização infantil possui quatro componentes que envolvem: um agente (a referência para o que está sendo aprendido), um processo de aprendizagem, um alvo (o indivíduo a ser socializado), um resultado (o objeto da aprendizagem). Sabendo-se que tais componentes estão presentes nas situações de aprendizagem social dos três agentes primários de socialização da criança, a família, os pares e a escola, obedecendo rigorosamente esta sequência (DELAMATER; MICHENER; MYERS, 2005)

RSV
ISSN 2674-8584

Received: 21/06/2026 - **Accepted:** 25/07/2026
Vol: 08.07
DOI: 10.66104/2kf99293
Pages: 1-21

Embora a família seja o primeiro corpo social no qual são adquiridos os primeiros componentes da cultura, e que cada uma tenha suas próprias culturas por ater-se a normas de conduta, regras de comportamento e estratégias de sanções específicas. Cada grupo familiar não existe isolado dos outros grupos familiares ou mesmo das outras instituições sociais. Desta maneira, para que haja realmente uma integração, a família assume, na sociedade, funções como a sexual e reprodutiva, a econômica e sobretudo, o mais importante, a educacional (OLIVEIRA, 2004).

Em nosso país, algumas das obrigações da família são instituídas nas forma da lei vigente por documentos como por exemplo o Estatuto da Criança e do Adolescente (1992) que garante em seu artigo 19 que toda criança ou adolescente tem direito a ser criado e educado no seio da sua família e, excepcionalmente, em família substituta, assegurada a convivência familiar e comunitária. E, a Constituição de 1988 que trata da família em seu artigo 226, onde caracteriza-a como base da sociedade, garantindo especial proteção do Estado.

Em um contexto de socialização, as ações educacionais são desenvolvidas para a formação pessoal dos indivíduos a fim de assumir os papeis de gêneros, construir competências linguísticas e cognitivas bem como consciência ética e moral (DELAMATER; MICHENER; MYERS, 2005). Na prática familiar, tais ações educativas são comumente chamadas de práticas parentais educacionais.

As práticas educativas parentais influenciam todo o desenvolvimento da criança durante o período escolar, e repercute-se ao longo de seu percurso de vivências posteriores. Sendo assim, o estilo parental adotado pela família irá imprimir suas características no indivíduo por ele formado. No caso do estilo parental autoritativo, marcado pelo estímulo à responsabilidade e afeto dosado pela aplicação de regras bem determinadas e pelo de controle firme, torna-se possível promover um desenvolvimento mais saudável nas dimensões afetiva, comportamental e relacional da criança. Ao contrário dos estilos parentais mais autoritários, que tem como premissa o uso excessivo de controle e restrição

RSV
ISSN 2674-8584

Received: 21/06/2026 - **Accepted:** 25/07/2026
Vol: 08.07
DOI: 10.66104/2kf99293
Pages: 1-21

permeados pela carência de afeto e falta de sensibilidade às expectativas e características particulares da criança (SIMÕES, 2011, p. 21).

O que a autora supracitada quer destacar é que a prática parental não é uma mera influência dos pais sobre os filhos, mas é um processo interativo de ação e reação pessoal e individual influenciado pelo meio em que estão inseridos e pelos papeis a serem desempenhados. É um processo de co-construção em que os pais têm grande destaque por serem os condutores do percurso que guiará os filhos pelos trilhos das expectativas para o êxito no futuro social, educacional, profissional.

Torna-se importante reconhecer que, como agente socializador, os pares têm papel importante por fornecerem uma nova relação de status na vida da criança. Enquanto na família os status são hierarquizados pelo poder que diferencia as pessoas na convivência, entre os pares a relação de dá por equilíbrio entre iguais, as relações de poder, submissão e pertença ao grupo não são impostas, mas voluntárias. Tais escolhas voluntárias são as primeiras experiências de competência individual socializadora na infância. A despeito da família, os grupos de pares, frequentemente são homogêneos na faixa de desenvolvimento da identidade, na idade e no gênero. Destaca-se aqui, que os relacionamentos, como os de pares, fora da família fornecem a base para o desenvolvimento da independência e adoção de novos papéis sociais (DELAMATER; MICHENER; MYERS, 2005)

O terceiro agente socializador da criança, resgata novamente a distinção de status, mas não perde de vista a convivência entre os pares. A escola, órgão institucionalizado para a socialização, apresenta-se como uma nova e duradoura etapa na vida do indivíduo. Traz com ela uma série de transformações físicas, emocionais, relacionais e cognitivas, que refletirão grande mudanças no relacionamento familiar, sobremaneira na convivência entre pais e filhos (SIMÕES, 2011). Em contrapartida, estudos comprovam que o impacto do apoio familiar positivo por meio de disciplina indutiva, ensino ativo de habilidades sociais

RSV
ISSN 2674-8584

Received: 21/06/2026 - **Accepted:** 25/07/2026
Vol: 08.07
DOI: 10.66104/2kf99293
Pages: 1-21

referentes à assistência e adaptação à escola permitem amplitude de repertório comportamental para crescimento das relações sociais e aprendizagem cognitiva da criança (MONDIN, 2008, p. 234 e 235).

> As crianças devem desenvolver em sua mente a capacidade de representar as características do mundo que as rodeia. Essa capacidade está intimamente relacionada com o desenvolvimento da linguagem.
> As tarefas básicas da criança são aprender as regularidades do ambiente físico e social e armazenar experiência anterior de modo que ela possa ser usada em situações atuais. [...] nossos esquemas nos permitem fazer sentido a partir do mundo ao redor. [...] Essas habilidades são muito importantes na interação social. Apenas se tiver a habilidade de agrupar os objetos, as pessoas e as situações é que um indivíduo consegue determinar como comportar-se em relação a eles. Os esquemas pessoais e os seus significados são especialmente importantes para facilitar a interação. (DELAMATER; MICHENER; MYERS, 2005, p. 85 e 86)

Na fase de inserção escolar ocorrem muitas transformações cognitivas necessárias ao aprimoramento educacional, principalmente no período das operações concretas, como caracteriza Piaget (1977 in NOVA ESCOLA, 2008). É deste período, entre os 6 e os 12 anos, que resultam as principais aquisições cognitivas da criança, a diminuição do egocentrismo, um aumento das capacidades de memória, de raciocínio abstrato, a utilização da linguagem simbólica, e a possibilidade de estabelecer planos e definir objetivos a cumprir. Disso decorre as afirmações de Simões (2011), em que compreende que as alterações cognitivas da criança, nesse processo, possibilitam uma maior compreensão de si própria e dos outros, elaborando seus esquemas pessoais e de significados inerentes às relações. O desenvolvimento cognitivo possibilitará o aumentando da sua competência social, e ampliará suas bases de julgamento moral no sentido de subsidiar a capacidade de autorregulação do comportamento e da conformidade às normas universalistas.

Os estudos desses autores vêm ao encontro de nossos anseios, no sentido de salientar a importância da boa relação entre os agentes de socialização da criança, para o melhor desenvolvimento social, e rendimento escolar. Tais agentes

RSV
ISSN 2674-8584

Received: 21/06/2026 - **Accepted:** 25/07/2026
Vol: 08.07
DOI: 10.66104/2kf99293
Pages: 1-21

estão interligados e são ao mesmo tempo base de sustentação uns dos outros. Teoria que volta a ser reafirmada quando nos reportamos à Simões (2011) que conclui, que o estabelecimento de relações mais diversificadas, na vida infantil, obedece a uma progressão diretamente ligada a sua capacidade de autonomia. E que esta, por sua vez, terá seu alicerce na família e no perfil educacional que ela lhe oferece. O alicerce educativo parental, de base firme servirá para edificar o desenvolvimento social e afetivo nos pares e no período escolar sem temer as adversidades encontradas frente aos novos agentes de socialização ao longo de toda a vida.

5. Conclusão

Os estudos mostraram que o ser humano é parte integrante de um todo cultural formado por grupos sociais aos quais pertencerá ao longo de sua existência. Durante toda sua vida este ser será influenciado pelo meio em que vive e, sendo assim, fatores sociais, econômicos e culturais contribuirão para o seu desenvolvimento psicológico, pessoal e social.

Desta forma, fica evidenciado que as práticas parentais podem representar condições de êxito ou riscos para o desenvolvimento intrínseco e extrínseco do ser humano, já que a família é o primeiro e mais importante ambiente de socialização do indivíduo. Ambiente no qual se inicia a formação do caráter, local onde a criança aprende a interagir com outras pessoas e a desenvolver aspectos importantes de sua personalidade.

As práticas educativas no seio familiar devem favorecer a autonomia dos filhos. É preciso conduzi-los reconhecendo e fazendo-os reconhecer que os grupos sociais são formados por pessoas diferentes que deverão ser respeitadas em sua individualidade, mas que a interação é algo inerente ao convívio e que está estruturada por uma ordem interna, por regras que determinarão ou não sua pertença. Por meio desse ensinamento, imbuído de afetividade e gerido por limites

ISSN 2674-8584

Received: 21/06/2026 - **Accepted:** 25/07/2026
Vol: 08.07
DOI: 10.66104/2kf99293
Pages: 1-21

a formação parental estará cumprindo seu papel social dotando suas crianças de condições de autogestão para que possam responsabilizar-se por suas próprias relações sociais, ao que Mondin (2008) chama de competência social.

Ainda no âmbito da convivência social temos a interação entre os pares e finalmente a vivência escolar, ambas com ações práticas de interação social que também trarão influências para a formação dos indivíduos.

A perspectiva contextual evidencia que a educação que se utiliza de práticas autoritárias não garante o sucesso da formação em especial por determinar regras incompreendidas e aceitas de maneira acrítica por mero respeito às sanções. Nesta perspectiva, não são considerados os anseios e necessidades da criança, o processo se dá de forma unilateral, atendendo às expectativas dos responsáveis. Elemento que resulta em incompreensão e que consequentemente pode gerar a frustração, a decepção, a depressão e por vezes a rebeldia. No entanto, não é cabível, uma prática frouxa, negligente ou cheia de parcialidade, sem definição de papéis, apenas para seguir os modismos da sociedade capitalista na qual vivemos.

Também a relação entre os grupos sociais e educativos aos quais as crianças tendem a pertencer não podem estabelecer entre si uma relação autoritária, unilateral, egoísta e punitiva; ou parcial, negligente e descomprometida. Ressalta-se a importância de uma boa relação, sobretudo, entre a família e a escola para o sucesso da formação educativa do estudante, pois ambas exercem atuações distintas e complementares. São experiências insubstituíveis para a maximização da vida humana. Pensamento reforçado por Dessen e Polonia (2007, p. 22)

> [...] a família e a escola emergem como duas instituições fundamentais para desencadear os processos evolutivos das pessoas, atuando como propulsoras ou inibidoras do seu crescimento físico, intelectual, emocional e social. Na escola, os conteúdos curriculares asseguram a instrução e apreensão de conhecimentos, havendo uma preocupação central com o processo ensino-aprendizagem. Já, na família, os objetivos, conteúdos e métodos se diferenciam, fomentando o processo de socialização, a

RSV
ISSN 2674-8584

Received: 21/06/2026 - **Accepted:** 25/07/2026
Vol: 08.07
DOI: 10.66104/2kf99293
Pages: 1-21

> proteção, as condições básicas de sobrevivência e o desenvolvimento de seus membros no plano social, cognitivo e afetivo.

Após a realização de toda revisão bibliográfica aqui citada, se torna evidente, o quanto é saudável para o desenvolvimento emocional e cognitivo da criança a integração dos interesses pelo processo educativo da criança, compreendendo que tanto a família quanto a escola são referenciais que embasam o bom desempenho escolar.

A concretização de uma parceria entre os grupos sociais, família e escola, podem promover não apenas ações positivas no desenvolvimento infantil, mas provocar o crescimento delas próprias. Mais que isso, o avanço da própria sociedade que receberá cidadãos mais bem formados, mais críticos, mais atuantes, mais emocionalmente equilibrados, enfim, melhores socialmente. Em suma, torna-se concreta a compreensão de que as práticas parentais educacionais são o eixo da educação integral dos indivíduos.

Referências

ALVES, Rubem. **Tênis x frescobol.** Correio Popular 1991. Disponível em http://www.rubemalves.com.br/cronicas. Acesso em: 19 Mar. 2019.

ARAUJO, Claisy Maria Marinho; OLIVEIRA, Cynthia Bisinoto Evangelista. **A relação família-escola: intersecções e desafios.** "Psicologia escolar e a relação família-escola no ensino médio: estudando as concepções desta relação". Universidade de Brasília, 2007. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php> Acesso em 26 Jun. 2025.

BRASIL**. Estatuto da Criança e do Adolescente 8069/90.** Brasília. MEC 2004.

BOURDIEU, Pierre. **O investigador da desigualdade.** In Especial Grandes Pensadores, Outubro 2008. Revista Nova Escola. Disponível em: <http://www.revistaescola.abril.com.br/formacao/pierre-bourdieu>. Acesso em: 21 Jun. 2025.

RSV
ISSN 2674-8584

Received: 21/06/2026 - **Accepted:** 25/07/2026
Vol: 08.07
DOI: 10.66104/2kf99293
Pages: 1-21

DELAMATER, John D.; MICHENER, H. Andrew; MYERS, Daniel J. **Psicologia Social.** Tradução E. Fittipaldi, S. S. M. Cuccio. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2005.

DEL PRETTE, A.; DEL PRETTE, Z. A. P. Habilidades sociais e construção de conhecimento em contexto escolar. In: ZAMIGNANI, D. R. (Org.). **Sobre comportamento e cognição:** A aplicação da Análise do Comportamento e da Terapia Cognitivo-Comportamental no hospital geral e nos transtornos psiquiátricos (vol. 3). São Paulo: AirBytes, 1997. p. 234-250. Disponível em: http://www.rihs.ufscar.br/armazenagem/pdf/capitulos-de-livro/del-prette-a.-del-prette-z.-a.-p.-1997-.-capitulo-de-livro-sobre-comportamento-e-cognicao-a-aplicacao-da-analise-do-comportamento-e-da-terapia-cognitivo-comportamental-no-hospital-geral-e-nos-transtornos-psiquiatricos>. Acessado em: 26 Jun. 2019.

DESSEN, M. A.; POLONIA, A. C. **Família e Escola.** 2007. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/paideia/v17n36/v17n36a03.pdf >. Acesso em 27 Jun. 2025.

GOMIDE, P.. **Pais presentes, pais ausentes: regras e limites.** Petrópolis, RJ: Vozes, 2008

GONÇALVES, C. M.. **Escola e Família uma relação necessária e conflitual.** In M. E. Costa (Ed.), G*estão de conflitos na Escola*. Universidade aberta, 2003. p.97-142. Disponível em: < http://repositorio-aberto.up.pt/bitstream/10216/6729/2/32341.pdf> Acesso em: 19 Mar. 2025.

KLEMZ, Charles. **Inclusão transversal da diversidade humana a partir da perspectiva da educação e da teologia**. São Leopoldo, RS, 2019. 124 p. Dissertação (Mestrado) - Faculdades EST, Programa de Pós-Graduação, São Leopoldo, 2019 Disponível em: <http://dspace.est.edu.br:8080/jspui/bitstream/BR-SIFE/989/2/klemz_c_tmp348.pdf>. Acesso em: 14 mar. 2026.

KLEMZ, Charles. **Inclusão transversal da diversidade humana**: um diálogo entre a Teologia e a Educação. São Leopoldo: Oikos, 2021.

MONDIN, Elza Maria C. **Práticas educativas parentais e seus efeitos na criação dos filhos.** Piscol. Argum. 26(54), p. 233-244, Jul/Set 2008.
OLIVEIRA, Pérsio Santos. Introdução à sociologia. São Paulo: Ática. 2004.

PIAGET, Jean. **Aprendizado no microscópio** In Especial Grandes Pensadores. Revista Nova Escola. Edição Especial. 2008.

ISSN 2674-8584

Received: 21/06/2026 - **Accepted:** 25/07/2026
Vol: 08.07
DOI: 10.66104/2kf99293
Pages: 1-21

SILVEIRA, L. M. de O. B. **Um trabalho em cooperação.** In Revista Pátio. Ano V, p. 6-9, Junho/Agosto. 2013. Número 17.

SIMÕES, Sônia Catarina Carvalho. **Influência dos estilos educativos parentais na qualidade da vinculação de crianças em idade escolar em diferentes tipos de família.** 2011. 291f. Tese (Doutorado em Ciências Biomédicas) Instituto de Ciências Biomédicas Abel Salazar. Universidade do Porto, Portugal, 2011. Disponível em: <http://repositorio-aberto.up.pt/bitstream/10216/56783/2/Tese%20PhD%20Sonia%20Simoes.pdf>. Acesso em 25 Jun. 2025.